

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 8 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2019

A EXCLUSÃO DO REINO DE DEUS NAS PARÁBOLAS DE JESUS

The exclusion of God's Kingdom in the Parables of Jesus

Me. Carlos Kleber Maia¹

RESUMO

Este artigo aborda o ensino parabólico de Jesus, conforme registrado nos evangelhos sinóticos, analisando especialmente as parábolas que apresentam indivíduos sendo excluídos do Reino de Deus. As imagens de exclusão presentes nestas narrativas, que envolvem elementos como porta fechada, fogo, trevas, ranger de dentes e declaração de rejeição, revelam os motivos pelas quais os indivíduos ficaram de fora do Reino. A base da separação escatológica está determinada de antemão, que é a fé perseverante em Jesus. O anúncio do trágico fim dos incrédulos teria o propósito de imprimir, nos ouvintes e naqueles que depois seriam postos em contato com essa ardente mensagem, o temor que leva ao arrependimento e à fé, e a ênfase na segurança oriunda da obediência adverte os crentes a perseverarem na fé e obediência com que já se comprometeram, ao ingressar no Reino.

Palavras-chaves: Parábola. Jesus. Reino de Deus. Condenação

¹ Mestre em Teologia (FABAPAR) e Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada (FTBP), pastor da Igreja Assembleia de Deus. E-mail: ckmaia@hotmail.com.

escatológica.

ABSTRACT

This article addresses the parabolic teaching of Jesus, as recorded in the Synoptic Gospels, especially analyzing the parables that present individuals being excluded from the Kingdom of God. The images of exclusion present in these narratives, involving elements such as closed doors, fire, darkness, gnashing of teeth and declaration of rejection, reveal the reasons why individuals were left out of the Kingdom. The basis of eschatological separation is determined beforehand, which is persevering faith in Jesus. The announcement of the tragic end of unbelievers would be intended to impress upon the hearers and those who would later be brought into contact with this burning message, the fear that leads to repentance and faith, and the emphasis on security from obedience warns believers to persevere. in the faith and obedience to which they have already committed themselves as they enter the Kingdom.

Keywords: Parable. Jesus. God's kingdom. Eschatological condemnation.

INTRODUÇÃO

As parábolas foram amplamente utilizadas por Jesus de Nazaré, sendo a expressão mais conhecida de seu ensino, e a sua principal forma de exposição dos “mistérios do Reino de Deus”, aos seus discípulos e às multidões que o seguiam. Jesus utilizou-se de suas parábolas para revelar a essência do seu ensino sobre o Reino de Deus: suas características, as exigências para se pertencer a ele, e também os motivos que levariam alguém a ficar de fora deste Reino.

Manson afirma que existe evidência de que Jesus, na última parte de seu ministério, começou a falar do Reino de Deus como de alguma coisa em que se pode ingressar.² Porém, este autor atesta que o Mestre só falou nestes termos quando se dirigia aos seus discípulos, “e a primeira vez em que a expressão saiu dos seus lábios interpõe-se entre a Transfiguração e a jornada para Jerusalém”. Os que rejeitavam seu ensino já estavam “de fora” desta instrução particular.

A única forma de encontrar o caminho para o reino é ouvir cuidadosamente

²MANSON, 1965, p. 133.

e atender às verdades apresentadas por Jesus em suas parábolas. Osborne afirma que “a única maneira de entrar nesse reino é crer em Jesus e tornar-se semelhante a Cristo ao segui-lo”, e também atesta que, tanto no Antigo, quanto no Novo Testamento, “ouvir” o ensino de Jesus “indica tanto a disposição de ouvir a verdade quanto a motivação para atender e obedecer”.³ Ele conclui que “em razão da natureza do processo, quando alguém ouve, precisa agir conforme o que ouviu”.

Kunz afirma que a resposta do indivíduo à mensagem do Reino é determinante para sua admissão neste Reino, quando declara: “Há a necessidade de uma resposta do ser humano à iniciativa divina em perdoar o homem. De acordo com esta resposta ao reino, é que o indivíduo é qualificado ou desqualificado para tornar-se membro do mesmo”⁴ e, ainda, que “a resposta humana é necessária. De acordo com ela, o Reino classifica os que são dignos de fazerem parte”.⁵

Jesus anunciou que o Reino de Deus já está presente entre os seres humanos, e também declarou as exigências para se tornar um súdito deste reino, conforme Osborne afirma:

O reino – o reinado de Deus sobre este mundo – já teve início, e nesse ensino crucial em forma de parábola, Jesus interpreta o significado desse fato e fornece perspectivas importantes quanto à salvação e ao discipulado. Primeiro, em Jesus as ‘sementes’ ou as verdades do reino foram semeadas no coração de todas as pessoas. Segundo, elas precisam ‘ouvir’, ou responder com fé, aceitando essas verdades. Terceiro, seu destino é determinado pelo tipo de solo que se tornam, ou seja, se estão fechadas para as verdades de Deus – aparentemente abertas, mas sem compromisso; superficialmente empolgadas, mas com um coração mundano – ou se são, de fato, seguidores que darão frutos.⁶

A base da distinção entre os que entrarão no Reino e os que ficarão de fora já está determinada de antemão, e é esta: quem recebeu a boa semente do evangelho, quem creu em Jesus, quem deixou de lado todo o resto para adquirir o tesouro escondido ou comprar a pérola valiosa, este terá acesso

³ OSBORNE, 2019, p. 77-78.

⁴ KUNZ, 2014, p. 104.

⁵ KUNZ, 2014, p. 210.

⁶ OSBORNE, 2019, p. 70.

ao Reino, conforme assevera Boice.⁷ Ele conclui que se alguém “não está em Cristo agora, estará sem Ele naquele dia. Se ele estiver com Ele agora, estará com Ele no dia do julgamento”.⁸

Muitas das narrativas parabólicas de Jesus revelam os motivos pelos quais alguém será admitido ou será rejeitado no Reino de Deus, oferecendo imagens que demonstram separação de Deus e de seu Reino aos que rejeitarem o ensino de Jesus. Mesmo aqueles que já foram iniciados no Reino, ou já ingressaram nele, sendo, por isso, considerados discípulos de Jesus ou servos do Rei, precisam perseverar em obediência aos padrões do Reino, pois poderão, mesmo já sendo súditos do Reino, ficar de fora dele.

O motivo da “rejeição” encontrado em certas parábolas é o elemento que descreve um julgamento a ser realizado no final da era. A descrição do julgamento mais frequentemente se concentra no que está sendo rejeitado. Quando um elemento de aceitação ou “recompensa” também está presente, ele é geralmente empregado como um contraste dramático para destacar o que é perdido por aqueles que são rejeitados.

Muitas porções dos Evangelhos apresentam os ensinamentos de Jesus sobre o reino ou a vida eterna, ou um desafio ao discipulado (incluindo as exigências para crer no Filho do Homem, desistir de tudo, assumir a cruz e assim por diante), mas, conforme afirma Pagenkemper⁹, poucas passagens retratam a consumação do reino no fim dos tempos e o julgamento subsequente (rejeição ou aceitação) tão claramente quanto as parábolas.

Algumas das parábolas que deixam muito evidente a ideia de uma exclusão do Reino, conforme a ação ou escolha de um personagem, serão examinadas. Pagenkemper¹⁰ afirma que “cada parábola com tal motivo é projetada para desafiar todos os ouvintes à luz de sua resposta atual a Jesus: O ouvinte está preparado para o fim?”

⁷BOICE, 2017, p. 47.

⁸“Las bases de la distinción ya habrán sido establecidas en la tierra. Cuáles son esas bases? Volviendo a las parábolas anteriores de Cristo, se trata de quién há recibido la buena semilla del evangelio, si há creído em Cristo. Es cuestión de si há dejado de lado todo lo demás a fin de adquirir el tesoro escondido o de comprar la perla valiosa. Usted sabe si há hecho eso o no. En cuál bando está? Si no está em Cristo ahora, estará sin Él em aquel día. Si está com Él ahora, estará com Él en el día del juicio” (BOICE, 2017, p. 47).

⁹PAGENKEMPER, 1996, p. 180.

¹⁰PAGENKEMPER, 1996, p. 180.

1. A PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO

A narrativa encontra-se em Mateus 13,24-30, e a explicação de Jesus encontra-se nos versículos 36 a 43. Rienecker declara que a ênfase da parábola está na colheita, vista expressamente como o fim do atual tempo do mundo.¹¹ Também ressalta que a semente maligna não cresceu sozinha, mas o diabo é identificado como o seu semeador: “os filhos do maligno são a semeadura dele”.¹²

Gourgues destaca que, enquanto na parábola do Semeador é uma semente única e uma variedade de terrenos, nesta há um terreno único e uma diversidade de sementes.¹³ Sobre a surpresa dos servos, na parábola, acerca da presença de joio nascendo no campo, Gourgues ressalva: “assim como o acolhimento do Reino de Deus, a salvação não se impõe. O Evangelho não pode mudar o mundo contra a sua vontade”.¹⁴

No final dos tempos, o joio será separado do trigo, e haverá destinos diferentes para eles. Jesus identificou o joio como sendo os “filhos do maligno”, em contraste com o trigo, identificado como os “filhos do reino” (v. 38). A imagem da “colheita” é comumente usada como referência à separação escatológica daqueles que seguem a Deus e dos que não o seguem.

Carson também afirma que “colheita” é uma metáfora comum para o julgamento final.¹⁵ A figura da colheita como juízo final está contida também na parábola da semente (Mc 4,26-29) e João Batista também visualiza o julgamento com a figura da eira, e a condenação dos maus para a perdição eterna com a imagem do fogo (Mt 3,12).¹⁶

2. A PARÁBOLA DA REDE

Mateus registra esta pequena parábola nos versos 47-50 de capítulo 13. O Reino de Deus é comparado a uma rede de arrastão, que “era a mais ampla e a mais extensa, aquela que podia pegar e conter a maior quantidade de peixes”¹⁷, que apanhava peixes bons e peixes ruins, que seriam separados na praia. Na

¹¹ RIENECKER, 1998, p. 150, 151.

¹² RIENECKER, 1998, p. 154.

¹³ GOURGUES, 2004, p. 28.

¹⁴ GOURGUES, 2004, p. 51.

¹⁵ CARSON, 2010, p. 374.

¹⁶ RIENECKER, 1998, p. 155.

¹⁷ GOURGUES, 2004, p. 77.

interpretação, Jesus afirma que, na consumação dos séculos, haverá uma separação. Os peixes ruins são identificados como os iníquos, em contraste com os peixes bons, que são os justos (v. 49).

O termo “justo” é extremamente importante em Mateus. A palavra é usada por ele para destacar aqueles que estão em conformidade com os requisitos de Deus (com base na demanda de Deus ou na sua provisão jurídica) e, portanto, farão parte do Reino, em contraste com aqueles (os injustos) que não terão herança no Reino.¹⁸

Jesus falou da “fornalha de fogo” em sua interpretação destas duas parábolas, onde o joio será separado para ser queimado na colheita, e onde os peixes ruins serão lançados. Em outras palavras, estas parábolas descrevem uma separação entre os justos e os iníquos no final dos tempos. Para os ímpios, essa separação envolve o castigo de uma fornalha de fogo, onde haverá intenso sofrimento.

Carson explica que não se deve confundir “símbolo com o que é simbolizado”, e rejeitar que a interpretação seja original de Jesus, ao afirmar-se que a fornalha não é lugar para peixe ruim, pois “a fornalha não é para o peixe, mas para o ímpio”; não é para o símbolo, mas para o simbolizado.¹⁹

O fogo em relação ao castigo eterno foi também mencionado por Jesus em seus sermões (Mt 5.22; 18.9), sendo descrito por Marcos como um fogo inextinguível (Mc 9.43,44), também na Parábola do Rico e Lázaro há a menção de um tormento semelhante e na Parábola das Ovelhas e dos Bodes ele também será referido (Mt 25.41).

Jesus exortou seus discípulos a deixar a separação definitiva dos justos e ímpios para ser efetivada pelo próprio Deus, no último dia, e não pelos seres humanos, durante a existência da igreja.

Snodgrass atesta que a interpretação destas parábolas serve como uma forma de parênteses para a parábola do Tesouro Escondido e da Pérola de Grande Valor, “ênfatizando que o desprezo a este Reino valioso e as suas implicações éticas levará a um severo julgamento”.²⁰ Ele destaca, ainda, que o Juízo “é uma parte essencial da mensagem cristã. Jamais deveríamos nos

¹⁸ PAGENKEMPER, 1996, p. 184.

¹⁹ CARSON, 2010, p. 389.

²⁰ SNODGRASS, 2011, p. 678.

esquecer que sem ele não há necessidade de salvação”.²¹

A expressão “pranto e o ranger de dentes” ocorre somente sete vezes no Novo Testamento, das quais seis estão em Mateus: Mt 8.12; Lc 13.28; Mt 13.42, 50; 22.13; 24.51; 25.30²², e denota sofrimentos e emoções extremas. Jeremias afirma que “choro e ranger de dentes” é, nestes textos, uma “imagem do desespero, e sempre desespero por causa da perda da salvação por própria culpa”.²³ Jesus usou essa expressão, em termos linguísticos, especificamente quando se refere ao sofrimento experimentado pelos rejeitados do reino.

3. A PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO

A parábola do Credor Incompassivo (Mt 18.23-35) apresenta a história de um rei que está prestando contas com seus servos, pois fazem parte do seu reinado e lhe devem satisfação. Um deles, sendo perdoado de uma imensa dívida que não podia pagar, não é capaz de perdoar uma dívida ínfima de seu conservo.

Chamado de volta à presença do rei, este lhe disse que o servo devia ter perdoado o outro, assim como ele próprio recebeu o perdão real. Como não o fez, este servo foi entregue aos carrascos, para que fosse castigado “até que pagasse tudo o que devia”. Jesus concluiu a parábola dizendo: “Assim também o meu Pai, que está no céu, fará com vocês, se do íntimo não perdoarem cada um a seu irmão”.²⁴

A parábola descreve o homem que foi condenado como alguém que era um servo ou súdito do rei, ou seja, que pertencia ao Reino. Ela sabia que, sendo submisso ao rei, devia prestar-lhe contas. Por ter provado a misericórdia e o perdão do rei, este servo devia, igualmente, transferir este padrão de beneficência para seus relacionamentos.

Sendo o servo alguém que pertence ao Reino e tendo sido perdoado, isto faz dele um discípulo de Jesus, um crente. No entanto, a misericórdia que lhe fora dada foi posteriormente negada, por causa de sua própria recusa em demonstrar misericórdia. Spurgeon assim descreve esta situação: “Ele recusou a misericórdia, e agora a misericórdia o recusou”.²⁵

²¹ SNODGRASS, 2011, p. 687.

²² SNODGRASS, 2011, p. 702.

²³ JEREMIAS, 1986, p. 105.

²⁴ BÍBLIA, Mt 18.35, 2017, p. 1408.

²⁵ SPURGEON, 2018, p. 386.

Jesus contou esta parábola aos discípulos, respondendo a um questionamento de Pedro (v.21), e concluiu a parábola afirmando que Seu Pai celestial faria o mesmo com eles, seus discípulos, se as condições do reino não fossem cumpridas, de perdoar cada “a seu irmão”, ou seja, outro discípulo.

O servo que não cumpriu as exigências do Reino foi entregue para ser torturado até que pagasse uma dívida impagável, o que equivale a uma punição eterna, que corresponde à condenação escatológica. Spurgeon ainda comenta: “Não podemos escapar da condenação se nos recusarmos a perdoar os outros. A ira contínua contra o nosso irmão fecha a porta do céu diante de nossos próprios rostos”.²⁶

Snodgrass assevera que esta parábola “ilustra o perdão de Deus, a necessidade de os homens perdoarem em função de Deus nos perdoar e a advertência do juízo divino sobre aqueles que se negarem a perdoar”.²⁷ Também afirma que a graça sempre traz consigo a responsabilidade, e que “o perdão de Deus precisa ser reproduzido na vida dos que o receberam, o aviso é claro. Quando o perdão não for passado adiante, as pessoas terão de prestar contas por isso”.²⁸

Gourgues afirma que “todo aquele que é incapaz de perdoar como o senhor da parábola é impróprio ao Reino de Deus”²⁹ e Manson igualmente diz: “Quem quiser ser perdoado precisa perdoar”, e que, embora isto não signifique que o homem possa comprar o perdão de Deus perdoando ao seu próximo, significa, porém, “que um espírito perdoador é condição essencial para que o homem possa receber o perdão de Deus”.³⁰

Da mesma forma, Brakemeier assevera que, de acordo com o ensino de Jesus, espera-se uma nova conduta daquele que é admitido no Reino, e que “a mudança de conduta deixa de ser condição da salvação para transformar-se em sua consequência. Ela é exigida não para alcançar o favor de Deus, e sim porque Deus se compadeceu”.³¹

Sproul expressa assim a situação deste servo condenado e a advertência para os discípulos, que se apreende da parábola:

²⁶ SPURGEON, 2018, p. 387.

²⁷ SNODGRASS, 2011, p. 112.

²⁸ SNODGRASS, 2011, p. 125.

²⁹ GOURGUES, 2004, p. 104.

³⁰ MANSON, 1965, p. 304.

³¹ BRAKEMEIER, 2016, p. 20.

Primeiro, o servo foi ameaçado de justiça. Então ele recebeu misericórdia. Mas ele desprezou a graça do rei e, ao desprezar essa misericórdia, obteve justiça. Essa é a lição suficiente para nos manter pensando na graça de Deus todos os dias em nossas vidas, porque no minuto em que tomamos como garantido, no minuto em que nos recusamos a ser um canal para a própria graça que nos salvou, podemos esperar receber nada menos que a justiça de Deus.³²

Carson também atesta que “não perdoar exclui o indivíduo do reino, cujo padrão é perdoar”³³, e conclui seu comentário sobre esta parábola com a seguinte afirmação:

Jesus não vê incongruência nos atos de um Pai celestial que perdoa com tanta abundância e pune com tanta brutalidade, nem nós devemos vê-la. Na verdade, é justamente por ser um Deus de tanta compaixão e misericórdia que ele não pode, de maneira alguma, aceitar como seu os destituídos de compaixão e misericórdia. Isso não quer dizer que a compaixão do rei pode ser adquirida: longe disso, é garantida liberdade ao servo só em virtude da bondade do rei. Como em 6.12,14,15, os que são perdoados devem perdoar a fim de que não fiquem incapacitados de receber perdão.³⁴

Pode se perceber, nesta parábola, que Jesus advertiu aos seus discípulos que, mesmo um indivíduo que já estava no reino de Deus, se abandonasse o padrão das exigências feitas aos súditos reais, seria excluído.

4. A PARÁBOLA DAS BODAS DO REI

Esta parábola encontra-se registrada por Mateus, no capítulo 22.1-14. O cenário é uma festa de casamento, “que frequentemente simboliza bem-aventurança escatológica”.³⁵

O personagem central é um rei, que envia seus servos para convidar seus súditos para a festa de casamento de seu filho, mas os convidados não vêm,

³² “First the servant was threatened with justice. Then he received mercy. But he despised the grace of the king, and in despising that mercy, he got justice. That’s enough lesson right there to keep us thinking of the grace of God every day in our lives, because the minute we take it for granted, the minute we refuse to be a conduit for the very grace that has saved us, then we can expect to receive nothing less than God’s justice” (SPROUL, 2017, p. 54).

³³ CARSON, 2010, p. 475.

³⁴ CARSON, 2010, p. 475.

³⁵ BOCK, 2006, p. 307.

e mesmo diante de um segundo convite, mostram rejeição e até violência aos mensageiros, “o que é um insulto e contraria a resposta esperada”³⁶ e que provoca a ira do rei e recebe uma dura punição. Bailey considera que o juízo aplicado a estes é juízo autoimposto, pois “os que recusam o convite se excluem da comunhão com o anfitrião e seus convidados. Eles decidem não provar do banquete”.³⁷

Os servos, então, são enviados a convidar “todos os que encontrarem” (v.9); pessoas más e pessoas boas atendem ao convite e a festa se realiza, com o salão do banquete cheio de gente.

Na segunda parte da história, o rei entra no local do banquete e vê um homem vestido inadequadamente e que não tem explicação para isto. Este homem é lançado fora, “onde há pranto e ranger de dentes”. Bock afirma que “essa figura é consistentemente usada em Mateus a respeito daqueles que são definitivamente rejeitados (8.12; 13.42; 24.51; 25.30)”.³⁸ O “lançar nas trevas exteriores” também é mencionado somente em Mateus 8.12 e 22.13 e “significa a separação de tudo o que é bom, mais especificamente de Deus”.³⁹

O homem que não está preparado por não ter a roupa apropriada será rejeitado no banquete de casamento, com o qual o Reino dos Céus é comparado. Na parábola, ele veio porque foi convidado, e aceitou o convite; mas ele foi rejeitado porque não estava preparado adequadamente.

Snodgrass destaca que, assim como os profetas do Antigo Testamento fizeram, Jesus também enfatiza que “a vinda de Deus sempre envolve tanto a salvação, quanto o Juízo. A linguagem áspera de Jesus tem por objetivo provocar o choque a fim de que as pessoas levem a sério o seu alerta”.⁴⁰

O comentário de Spurgeon sobre esta parábola destaca que “todos os que ouvem o evangelho são chamados, mas ele não atua com poder em todos os

³⁶ BOCK, 2006, p. 308.

³⁷ BAILEY, 2016, p. 322.

³⁸ BOCK, 2006, p. 308.

³⁹ SNODGRASS, 2011, p. 748. Como essa expressão é usada fora de textos parabólicos apenas em Mt 8.12, seu uso é bastante sugestivo. Ali, Jesus usou a frase para se referir à tristeza e dor daqueles que reconhecerão “Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos céus”, enquanto eles, mesmo sendo “filhos do reino”, serão expulsos. O propósito de Jesus em justapor a exclusão dos “filhos do reino” com o centurião era destacar a fé deste indivíduo, que o classificava para participar do Reino de Deus. Israel havia sido selecionado para o reino, mas sua desobediência e falta de fé (ao contrário do centurião) os condenaram a ficar de fora, de acordo com as condições da promessa deuteronômica de amaldiçoá-los se eles não permanecerem fiéis ao Senhor (cf. Dt 28.15-68; 31.14-21).

⁴⁰ SNODGRASS, 2011, p. 755.

corações”, e acrescenta: “Aqueles que foram chamados inclui os que rejeitam o convite do Rei; os quais, por sua recusa, provam que eles não foram escolhidos”.⁴¹

Carson assevera que “embora o convite seja muito abrangente, não resulta que todos os que responderam positivamente a ele permaneçam, de fato, para o banquete. Alguns são amarrados e jogados nas trevas, onde o julgamento final os aguarda”.⁴²

O rei rejeitará os convidados em virtude da sua própria rejeição a ele, ao seu convite ou às suas condições: “Muitos são convidados, mas alguns se recusam a ir, e outros, os que comparecem, recusam-se a se submeter às normas do reino e, por isso, são rejeitados”.⁴³ Spurgeon também assevera: “Aqueles que foram chamados inclui os que rejeitam o convite do Rei; os quais, por sua recusa, provam que não foram escolhidos”.⁴⁴

Hendriksen considera, pois, que o único pensamento decorrente desta parábola é este: “aceite o gracioso convite de Deus, para que, enquanto outros entram na glória, não suceda de você se perder”.⁴⁵ Segundo afirma Barclay, esta parábola apresenta o equilíbrio necessário: a porta está aberta para todos, mas, ao entrar por ela, os indivíduos devem trazer uma vida que se ajusta ao amor que lhes foi oferecido.⁴⁶

5. A PARÁBOLA DO SERVO FIEL OU DO SERVO MAU

Mateus registrou esta narrativa de Jesus no capítulo 24.45-51, e Lucas a registrou no capítulo 12.42-46. Nesta parábola, o parabolista apresenta a história de um senhor que se ausentou e deixou um servo encarregado de cuidar da sua casa e dos outros servos (v.45). Este servo pode (e deve) ser fiel e prudente, honrando a confiança de seu senhor, ou pode ser mau (Mt 24.45-51; Lc 12.35-48), agindo contra a vontade de seu mestre.

No texto lucano, a parábola é apresentada em resposta a uma pergunta de Pedro: “Senhor, esta parábola é só para nós ou também para todos?”⁴⁷ Snodgrass diz que esta pergunta não é respondida, “o que reforça o

⁴¹ SPURGEON, 2018, p. 479.

⁴² CARSON, 2010, p. 532.

⁴³ CARSON, 2010, p. 532.

⁴⁴ SPURGEON, 2018, p. 479.

⁴⁵ HENDRIKSEN, 2010, p. 359.

⁴⁶ BARCLAY, 2006, p. 166.

⁴⁷ BÍBLIA, Lc 12.41, 2017, p. 1495.

compromisso do leitor com a relevância e aplicabilidade deste material e do que a ele se segue”.⁴⁸

A narrativa é uma analogia implícita de exemplos contrastantes, na qual é apresentado um contraste entre a conduta fiel e prudente de um servo que, por ser achado por seu senhor com tal conduta, será chamado de bem-aventurado, e a má conduta deste mesmo servo, que agindo com impiedade, maltratando seus conservos e usando os bens de seu senhor de forma irresponsável, será castigado como um servo mau.

O servo fiel e sensato fez o que seu mestre o encarregou de fazer: cuidar dos outros empregados da casa, o que consistia em lhes dar comida no tempo apropriado. Ele, que foi colocado como administrador da casa, deveria não apenas supervisionar o trabalho dos demais, mas também garantir que nada lhes faltasse. No texto de Mateus, ele é um servo (*doulos*) e em Lucas ele é um mordomo (*oikonomos*).

O seu trabalho consistia em servir ao seu senhor, servindo aos seus conservos, princípio também explanado por Jesus na Parábola das Ovelhas e Bodes (Mt 25.40). Portanto, ele estava preparado para prestar contas de sua fidelidade, quando seu senhor voltou.

Enquanto a conduta fiel do servo o levará a ser promovido, a conduta má o levará a ser jogado para fora da casa, condenado com os hipócritas (Mt 24.51). Embora o termo se refira inicialmente a um ator e possa indicar hipocrisia inconsciente, a suposição clara nessa parábola é que o homem agiu voluntariamente: “ele disse em seu coração” (v.48). Pegenkemper sugere que a palavra “hipócrito” é traduzida, na Septuaginta, por um termo que pode significar “sem Deus”.⁴⁹

O servo tornou-se um mau servo quando ignorou a necessidade de estar preparado para receber seu Senhor. Depois, começou a tratar com severidade seus companheiros, contrariando a vontade do dono da casa, que o deixou encarregado de suprir as necessidades daqueles. E tornou-se ainda mais terrível quando resolveu apropriar-se dos gêneros que pertenciam ao seu senhor e usá-los para seu próprio deleite, tornando-se semelhante a homens bêbados (v.49).

Por ser um servo, esperava-se dele que fizesse o que lhe foi designado pelo

⁴⁸ SNODGRASS, 2011, p. 699.

⁴⁹ PEGENKEMPER, 1996, p. 185.

senhor, pelo que ele seria chamado bem-aventurado (Mt 24.46). É somente quem está fazendo o que foi instruído a realizar e cumprindo todos os deveres do seu cargo que será assim considerado.

Snodgrass atesta que a parábola não se dirige à multidão em geral, “mas àqueles que estavam numa relação de servitude, isto é, aqueles que tinham um compromisso expresso”.⁵⁰ Uma vez que tornar-se discípulo de Jesus é uma escolha que se faz voluntariamente (porém, não sem a ajuda da graça divina), aqueles que expressam compromisso com ele também lhe devem fidelidade. A infidelidade demonstra a perda deste compromisso.

Ao descrever o castigo reservado para o servo infiel, “o Senhor abandonou a linguagem parabólica para falar do destino próprio dos hipócritas: haverá pranto e ranger de dentes”⁵¹, uma expressão que, como já foi visto, é encontrada nas parábolas mateanas para referir-se a grande sofrimento e rejeição do Reino.

O parabolista descreve o que acontece no retorno do Senhor: ele irá condenar o servo mau, contando-o com os hipócritas (Mt 24.50), também chamados de infíeis (Lc 12.46). No capítulo anterior (Mt 23.13), Jesus falou dos hipócritas como aqueles que não apenas fecham o reino dos Céus aos outros, mas que também eles mesmos não entram. Jesus os identificou também (referindo-se especificamente aos escribas e fariseus) e seus “convertidos” como “filhos do inferno” (v.15).

Assim, o servo mau terá o mesmo destino daqueles sobre quem Jesus proclamou seus “ais” no capítulo 23, que “por fora, parecem justos aos olhos dos outros, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e maldade”.⁵² A falta de preparação do servo é um reflexo da sua infidelidade, maldade e falsidade, por não fazer, como os hipócritas, o que a posição que professava exigia.

Jesus afirma que, ao voltar, o senhor daquele servo “cortá-lo-á pelo meio” (διχοτομέω, v.51), expressão que recebe traduções diferentes como “mandará cortar o empregado em pedaços”⁵³ e “irá aplicar-lhe um castigo severo”.⁵⁴

Existe pouca dúvida sobre o significado do verbo, mas, por causa de sua dureza nessa parábola, muitos tentam suavizá-la. Segundo Pagenkemper, seis

⁵⁰ SNODGRASS, 2011, p. 699.

⁵¹ GABY; GABY, 2018, p. 115.

⁵² BÍBLIA, Mt 23.28, 2017, p. 1417.

⁵³ BÍBLIA, 2011, p. 61.

⁵⁴ BÍBLIA, 2017, p. 1420.

opções são sugeridas: 1) Manson sugere que, a partir do aramaico, a tradução seria “tirar, separar”; 2) Black diz que poderia ser traduzido “ele vai dividir sua porção com os hipócritas” para toda a frase em Lucas 12.46; 3) Jeremias sugere duas frases: “ele lhe dará um soco e o tratará como um devasso”.⁵⁵

Ele considera estas três opções as menos prováveis, e apresenta outras: 4) Mantém-se o seu significado literal, de uma punição severa, mas que se torna menos severa ao comparar-se com o castigo eterno no inferno (onde há “choro e ranger de dentes”), que é pior do que qualquer coisa que possa acontecer ao corpo de uma pessoa (cf. Lc 12.4-5); 5) É uma referência metafórica a punições severas, algo como “vai arrancar a pele dele”; 6) O servo será “cortado para fora do meio de”, ou seja, separados dos filhos do Reino, sendo amaldiçoado eternamente.

Pagenkemper considera que as três últimas versões são possíveis, mas, na opção cinco, a expressão literal funciona bem dentro da parábola. Porém, quando aplicada ao julgamento escatológico, provavelmente deve ser entendida metaforicamente.

Hendriksen afirma que o propósito de Lucas, ao contar essa parábola poderia ser: “(a) abrir os olhos da verdadeira igreja e (b) advertir os enganadores a fim de que mesmo agora se arrependam. Se não o fizerem, o Senhor lhes designará um lugar com os infiéis”.⁵⁶

Snodgrass destaca que a fé cristã não diz respeito apenas à crença num conjunto de ideias, mas “ao viver de acordo com certas convicções no longo prazo”, e ainda afirma: “A igreja normalmente fica impressionada com afirmações de fé. Mas, somente as palavras e uma fé passageira de nada servem. O que vale é a fidelidade até o fim”.⁵⁷ Aqueles que não mostrarem esta fidelidade perseverante serão excluídos do Reino.

Pentecost afirma que Jesus, nesta parábola, revelou que não apenas a preparação, mas também a fidelidade será testada, e assim descreve o contraste entre o servo aprovado e o que foi condenado:

Os infiéis revelarão sua falta de fé por sua infidelidade e serão excluídos do reino. Por sua fidelidade, outros revelarão a existência de sua fé, e não somente serão recebidos no reino, mas também terão responsabilidades

⁵⁵ PAGENKEMPER, 1996, p. 191-194.

⁵⁶ HENDRIKSEN, 2003, p. 204.

⁵⁷ SNODGRASS, 2011, p. 704.

a serem exercidas na era do reino vindoura.⁵⁸

A falta ou o abandono da fé revelado na ausência de fidelidade é o que deixaria o servo de fora do Reino, pois uma fé que não é posta em prática não é uma fé verdadeira. Uma vida de pecado e desobediência deliberados não condiz com uma fé viva e operosa.

Diante da possibilidade de um servo tornar-se alguém indigno de pertencer ao Reino de Deus, Ryle conclui seu comentário com uma admoestação: “Esforcemo-nos por viver de maneira a sermos declarados ‘benditos’ naquele dia final, e não sermos lançados fora para sempre”.⁵⁹

6. A PARÁBOLA DOS TALENTOS

Esta narrativa foi registrada em Mateus 25.14-30. Gaby e Gaby assim resumem a narrativa: “A parábola dos talentos retrata um senhor que se ausenta do país e deixa suas posses sob a responsabilidade de seus servos. Enquanto ele estiver ausente, os servos deverão negociar os bens para obter lucro. Um dia, o senhor voltará, e então haverá uma prestação de contas”.⁶⁰

Bock assim apresenta o enredo da história: “um senhor sai em uma jornada e atribui a cada um dos três servos uma responsabilidade sobre alguns recursos financeiros”.⁶¹

Os dois primeiros servos colocaram todos os seus talentos para trabalhar para o senhor e tinham algo para mostrar a ele por isso. Mas o último servo não usou seu talento para o seu senhor e não estava preparado para a prestação de contas.

Por ignorar a sua responsabilidade com seu mestre, o que demonstra sua falta de amor a ele, o servo considerado mau é condenado. Carson afirma que “a graça nunca perdoa a irresponsabilidade, mesmo aqueles a quem é dado menos são obrigados a usar e a desenvolver o que têm”.⁶² O talento lhe é tirado e a relação entre senhor e servo é desfeita.

Snodgrass ressalta que a intenção de Mateus com esta parábola é clara: “Ele

⁵⁸ “The unfaithful will reveal their lack of faith by their unfaithfulness and will be excluded from the kingdom. By their faithfulness others will reveal the existence of their faith, and they will not only be received into the kingdom but will be given responsibilities to be exercised in the kingdom age to come” (PENTECOST, 1982, p. 169-170).

⁵⁹ RYLE, 1991, p. 213.

⁶⁰ GABY; GABY, 2018, p. 131.

⁶¹ BOCK, 2006, p. 328.

⁶² CARSON, 2010, p. 599.

a entendia como uma exortação aos seguidores de Jesus para que fossem fiéis na sua obediência até a sua volta”.⁶³ Ele também destaca que esta parábola, e as parábolas de Jesus em geral, “ênfaticam a responsabilidade moral e carregam uma ameaça inevitável de Juízo” e arremata com a afirmação: “Se o Reino de Deus tratar de alguma coisa, esta coisa é a nossa prestação de contas diante da vontade do Pai”.⁶⁴

O mau servo, na avaliação de Carson, é considerado “inútil”, pois a falha em fazer o bem e em usar o que Deus nos confiou para usarmos “é pecado grave, o que resulta não só na perda de recursos negligenciados, mas também na rejeição pelo senhor, no banimento da presença dele e em lágrimas e ranger de dentes”.⁶⁵

Este servo inútil será lançado nas “trevas exteriores”. Esta expressão ocorre apenas três vezes no Novo Testamento (Mt 8.12; 22.13; 25.30). Pagenkemper atesta que a interpretação mais comum dessa frase, que se refere ao próprio inferno, é consistente com a literatura judaica e do período intertestamentário, onde textos que unem julgamento, trevas e mortos são abundantes.⁶⁶ Sendo-lhe tirado o talento, e dado ao que tinha dez talentos, este servo mau “ficou sem nada que o habilitasse a entrar no gozo do seu Senhor”.⁶⁷

Snodgrass ressalta que Mateus confere destaque a temas como a vigilância, a prudência e a fidelidade, e vê grandes semelhanças entre esta parábola e a das Minas.⁶⁸ Segundo ele, “a parábola é um chamado à fidelidade e um alerta contra a infidelidade”.⁶⁹

Divergindo de C. H. Dodd e J. Jeremias, quanto aos possíveis destinatários da narrativa, Snodgrass considera muito mais provável que esta tenha sido dirigida, originalmente, “aos discípulos de Jesus ou, pelo menos, àqueles que haviam respondido positivamente à sua pregação”.⁷⁰ Snodgrass afirma que, claramente, a intenção de Mateus é trazer, com esta história, “como uma exortação aos seguidores de Jesus para que fossem fiéis na sua obediência até

⁶³ SNODGRASS, 2011, p. 746.

⁶⁴ SNODGRASS, 2011, p. 748.

⁶⁵ CARSON, 2010, p. 599.

⁶⁶ PAGENKEMPER, 1996, p. 186.

⁶⁷ KUNZ, 2014, p. 203.

⁶⁸ SNODGRASS, 2011, p. 735.

⁶⁹ SNODGRASS, 2011, p. 745.

⁷⁰ SNODGRASS, 2011, p. 742.

a sua volta”.⁷¹

Ryle também considera que a parábola seja dirigida aos discípulos de Jesus, alertando-os a não ficar de fora do Reino, quando afirma: “Em último lugar, aprendemos que todos os membros infrutíferos da igreja de Cristo serão lançados fora no dia do juízo”.⁷²

7. A PARÁBOLA DAS MINAS

Lucas fez o registro desta elocução parabólica de Jesus no capítulo 19.11-17. Morris assim explica a diferença entre as narrativas mateana e lucana: “A parábola em Mateus nos lembra que todos nós temos dons diferentes, a em Lucas, que todos nós temos uma só tarefa básica, a de viver nossa fé na prática”.⁷³

Bock considera que, provavelmente, trata-se de um relato distinto que trata do mesmo tema da Parábola dos Talentos de Mateus.⁷⁴ Segundo Bailey, esta parábola trata “do reino de Deus e deixa claro que seu estabelecimento ‘vai demorar algum tempo’”.⁷⁵

O terceiro servo, considerado inútil, mau e negligente será lançado nas “trevas exteriores, onde haverá pranto e ranger de dentes”. Bock ainda afirma que esta é mais uma parábola do tipo alguém “estranho no ninho”, em que “alguém aparentemente relacionado a seu senhor termina do lado de fora. A ausência de fé do terceiro servo o deixou exposto ao julgamento”.⁷⁶

Manson declara que “dependendo da escolha que o homem fizer entre Deus e Satanás, viverá ou destruir-se-á”, pois o caráter absoluto da soberania de Deus se impõe, e torna impossível que alguém possa escapar indefinidamente dele. Então, ele arremata afirmando: “Tal é a conclusão a que se chega após o estudo de parábolas como a da Vinha (MC), a do Grande Banquete e a das Minas segundo o texto de Lucas”.⁷⁷

Jesus concluiu a Parábola dos Talentos e esta parábola das Minas com um provérbio (Mt 25.29; Lc 19.26): “Pois eu declaro a vocês que a todo o que tem

⁷¹ SNODGRASS, 2011, p. 746.

⁷² RYLE, 1991, p. 219.

⁷³ MORRIS, 1983, p. 257.

⁷⁴ BOCK, 2006, p. 327.

⁷⁵ BAILEY, 2016, p. 399.

⁷⁶ BOCK, 2006, p. 328.

⁷⁷ MANSON, 1965, p. 171.

será dado ainda mais; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado”.⁷⁸ Alguns provérbios formulam a conclusão de parábolas narrativas, geralmente como breve aplicação de uma narração mais comprida.⁷⁹

8. A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

Esta enunciação parabólica de Jesus está registrada por Mateus no capítulo 25.1-13 e sua mensagem central “ensina que somos responsáveis pela nossa condição espiritual individual”.⁸⁰ Morris afirma que a imagem retratada na parábola “é a de um típico casamento judaico na Palestina. O noivo, acompanhado pelos seus amigos, vai até à casa da noiva, e a leva em uma procissão alegre até à sua própria casa”.⁸¹

Na parábola em questão, a porta é retratada como o caminho de entrada para um banquete de casamento, que é uma figura já usada por Jesus para representar a presença de alguém no reino. Aqueles que estavam preparados (as cinco virgens sábias) entraram no banquete por aquela porta (v.10); depois que eles entraram, a porta foi fechada. As cinco virgens insensatas voltaram depois que a porta foi fechada, mas foram rejeitadas na tentativa de entrar. Uma vez que a porta foi fechada, era tarde demais para entrar. Em última análise, a porta leva não apenas às alegrias da festa, mas também para o reino escatológico. Os que são excluídos perdem não apenas uma boa refeição, mas também o próprio Reino.

Bailey, comentando sobre esta parábola, assevera que “o Reino tem uma porta que pode se fechar e se fecha. Para todos os que estão comprometidos com o anfitrião do banquete, a porta para essa festa está aberta. Porém, perto do fim da parábola, essa porta está fechada”.⁸²

O objetivo da parábola é examinar o que diferencia as virgens sábias e tolas, levando, por sua vez, a diferentes resultados. Alguns estavam “preparados” e outros “não estavam preparados”. Enquanto o atraso da chegada do noivo ajuda a dar o sentido da história, a chave é a falta de óleo suficiente para a procissão após a chegada do noivo.

Jesus não explicou por que não havia óleo suficiente nem se as lâmpadas

⁷⁸ BÍBLIA, 2017, p. 1507.

⁷⁹ BERGER, 1998, p. 50.

⁸⁰ GABY; GABY, 2018, p. 122.

⁸¹ MORRIS, 1983, p. 169.

⁸² BAILEY, 2016, p. 277.

(ou tochas) foram acesas durante as horas que passavam à espera do noivo. Ele afirmou apenas que os imprudentes tinham azeite insuficiente para a tarefa. O resultado foi a rejeição daqueles que estavam despreparados. Como afirma Carson, “preparação não pode ser compartilhada nem transferida”.⁸³

Ligada de perto à imagem da porta que se fecha está a resposta de quem fechou a porta, àqueles que tentam entrar depois que ela é fechada. Essa resposta é importante, pois mostra a finalidade do fechamento e o motivo da rejeição. Mateus revela assim a resposta do noivo, que vem de dentro do banquete: “Em verdade lhes digo que não as conheço”.⁸⁴

O noivo, que na opinião de Snodgrass é uma autorreferência utilizada por Jesus, com sua resposta, afirma não ter nenhuma associação pessoal com as cinco virgens insensatas que batem à porta, e que elas serão deixadas de fora do banquete de casamento, e do Reino de Deus.⁸⁵

Carson assevera que, como essa parábola diz respeito à consumação, a recusa em reconhecer ou admitir as virgens insensatas (v.12) “não deve ser interpretada como uma rejeição insensível de seu desejo de toda a vida de entrar no Reino. Longe disso: é a rejeição dos que, a despeito das aparências, nunca se prepararam para a vinda do Reino”.⁸⁶

Snodgrass reforça que, nesta parábola, a “prudência” significa “compreendermos a perspectiva escatológica do ensino de Jesus e, então, levarmos uma vida que se enquadre à expectativa da justiça futura (vindicação) e do pleno estabelecimento do Reino de Deus”.⁸⁷

Pagenkemper afirma que os leitores iniciais da parábola provavelmente teriam entendido que a narrativa não é sobre aqueles que clara e descaradamente rejeitam o evangelho, mas sobre aqueles que estão “próximos” da mensagem do evangelho e ainda não experimentaram a realidade dela, como é visto por sua falta de preparação.⁸⁸

No contexto mais amplo de Mateus 24–25, essa preparação incluiria obediência à vontade do Pai. A desobediência a esta vontade torna as pessoas inaptas para o Reino de Deus. Acerca destas parábolas e suas mensagens,

⁸³ CARSON, 2010, p. 595.

⁸⁴ BÍBLIA, Mt 25.12, 2017, p. 1421.

⁸⁵ SNODGRASS, 2011, p. 718.

⁸⁶ CARSON, 2010, p. 595.

⁸⁷ SNODGRASS, 2011, p. 722.

⁸⁸ PAGENKEMPER, 1996, p. 323.

Osborne afirma que “as parábolas em Mateus 24 e 25 mostram o juízo à espera daqueles que não se mantiverem fiéis em sua caminhada (24.51; 25.10-12, 28-30)”.⁸⁹

Estas mensagens não se destinam apenas àqueles que desejam entrar no Reino, mas também àqueles que já são crentes em Jesus, pois, como assevera Wilkins, os crentes também devem ser cautelosos, porque “rejeitar a verdade do evangelho pode levar a um coração endurecido contra Deus”.⁹⁰ Ele afirma que a principal interpretação das parábolas trata da resposta inicial do ouvinte à mensagem do reino, mas acrescenta que “a interação de Jesus com seus discípulos nos permite ver que eles também devem permanecer abertos à verdadeira expressão nas parábolas, para que continuem a entender e a obedecer”.⁹¹

9. A PARÁBOLA DA PORTA FECHADA

Lucas registrou esta parábola no capítulo 13.24-30. Jesus contou esta parábola para responder a uma pergunta: “Serão poucos os salvos?” Nas parábolas curtas anteriores (do Grão de Mostarda e do Fermento), o Reino foi retratado como crescente e muito expansivo. Então, a questão acerca do tamanho real do Reino, medida pelo número total dos que estão sendo salvos, é apropriada.

Que a porta se refere à entrada no Reino é sugerida pela natureza da declaração do julgamento (sua severidade) e pelo castigo subsequente, pelo contexto imediatamente precedente das parábolas do reino (Lc 13.18-21) e pela clara conexão com a presença dos justos mortos (Abraão, Isaque e Jacó - v. 28) que estarão sentados no reino.

O relato concentra-se não apenas na estreiteza do acesso ao Reino, mas também na certeza de que a porta será fechada em algum momento no futuro, para que aqueles que não entraram antes dela fechar não possam mais fazê-lo. Aqueles que são deixados de fora são identificados como “os que praticam a iniquidade” (v.27), pois a descrição daqueles que são rejeitados está

⁸⁹ OSBORNE, 2019, p. 248.

⁹⁰ WILKINS, 2013, p. 496.

⁹¹ “Los creyentes también deben ser precavidos, porque rechazar la verdad del evangelio puede conducir a tener un corazón endurecido contra Dios. La interpretación principal de las parábolas se ocupa de la respuesta inicial del oyente ante el mensaje del reino, pero la interacción de Jesús com sus discípulos nos permite ver que también deben mantenerse abiertos a la verdad plasmada en las parábolas para que sigan entendendo y obedeciendo” (WILKINS, 2013, p. 496).

frequentemente relacionada a termos associados às suas ações.

O imperativo de “entrar pela porta estreita” (v. 24), é motivado não pela estreiteza da porta, mas pela garantia de que ela será fechada. Os que ficam de fora observam os que estão no banquete do reino (v. 29) e, sabendo que perderam o privilégio de estar na presença dos heróis da fé, experimentarão a dor expressa no “choro e ranger de dentes” (v. 28).

Entrar pela porta significa crer em Jesus e se tornar seu discípulo, pois, segundo Hendriksen, entrar pela “porta e caminho significam substancialmente a mesma coisa, ou seja, a obediência exigida por Cristo”. Ele afirma que, neste texto, Jesus não está pensando na morte, e, sim, “na escolha que se há de fazer agora mesmo, e nos exorta a escolher, visto que somente por meio de uma escolha consciente alguém pode chegar ao caminho certo”.⁹² Ele também afirma, que “os que entraram pela porta larga e agora trilham o caminho espaçoso estão indo rumo à destruição, ou seja, estão destinados não à aniquilação, e, sim, à perdição eterna”.⁹³

Pagenkemper atesta que a porta está sendo comparada a algum elemento do Reino, pois embora não esteja explícito na própria parábola, mas é clara a partir do elemento comparativo nas duas parábolas anteriores da Semente de Mostarda (Lc 13.18-19) e do Fermento (13.20-21), e também pela resposta relacionada à salvação.⁹⁴

Morris assevera que no final das contas, “haverá apenas duas classes, os de dentro e os de fora. Visto que estas pessoas não deram os passos necessários para entrar, serão numeradas com os malfeitores fora”.⁹⁵

Pentecost afirma que, com a advertência de se entrar pela porta estreita, Jesus revelou o perigo de negligenciar o convite que Ele acabara de dar, e ainda assevera que, por um lado, os seres humanos podiam aceitar as palavras de Jesus e entrar no Reino, confiando nele, ou podiam rejeitar suas palavras e serem excluídos do Reino.⁹⁶ Assim, “o convite para entrar no reino foi acompanhado de uma advertência para não tentar entrar no reino de outra maneira senão através do próprio Cristo”.⁹⁷

⁹² HENDRIKSEN, 2001, p. 520.

⁹³ HENDRIKSEN, 2001, p. 523.

⁹⁴ PAGENKEMPER, 1996, p. 189.

⁹⁵ MORRIS, 1983, p. 213.

⁹⁶ PENTECOST, 1982, p. 159-160.

⁹⁷ “Thus the invitation to enter the kingdom was coupled with a warning not to try to enter the kingdom any other way than through Christ Himself” (PENTECOST, 1982, p. 159, 160).

10. A PARÁBOLA DOS BODES E OVELHAS

Mateus fez o registro desta narrativa de Jesus no capítulo 25.31-46. Bock⁹⁸ atesta que é difícil saber se esta narrativa é uma parábola ou somente possui categorias metafóricas ao descrever o justo e o ímpio como ovelhas e bodes respectivamente”. Kunz atesta que, estritamente falando, “esta passagem é muito mais uma profecia do que uma parábola”, e que “apenas a parte que fala das ovelhas e dos cabritos pode ser considerada uma parábola”.⁹⁹

Kunz considera esta parábola “uma introdução à descrição do juízo do último dia”, quando Jesus separará os justos dos ímpios, assim “como o pastor suas ovelhas dos cabritos”. E arremata: “naquele dia, todas as nações do mundo permanecerão diante do Filho do Homem e serão julgadas com base na aceitação ou rejeição mostradas a ele, quando seus mensageiros proclamaram o seu chamado”.¹⁰⁰

A surpresa dos personagens da parábola indica que eles não estavam cientes da natureza dos critérios: o Filho do Homem havia se identificado com seus seguidores de tal maneira que as coisas feitas a eles também seriam feitas a ele próprio. Carson considera que a melhor interpretação é que os “irmãos” são os discípulos de Jesus, e que a resposta dada a eles “refletem a posição na qual a pessoa permanece em relação ao reino e a Jesus mesmo”.¹⁰¹

Aqueles que têm pouca simpatia pelo evangelho do Reino permanecerão indiferentes e, ao fazê-lo, rejeitarão o rei Messias. Assim, o destino do indivíduo é deixado com duas opções: ou ele ganhará uma herança no Reino (isto é, a vida eterna), ou ele será separado para um castigo interminável no “fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jesus usou, em algumas de suas parábolas, imagens e declarações que revelam uma separação que ocorrerá no fim dos tempos, e para descrever a natureza do motivo de rejeição daqueles que ficarão de fora do Reino de Deus.

As imagens centrais dessas parábolas mostram que a rejeição será severa e completa, e a sua associação com o Reino sugerem fortemente uma rejeição

⁹⁸ BOCK, 2006, p. 329.

⁹⁹ KUNZ, 2014, p. 204.

¹⁰⁰ KUNZ, 2014, p. 207.

¹⁰¹ CARSON, 2010, p. 602.

que não é simplesmente a de um seguidor perdendo uma posição estimada no Reino, ou de alguém que perde uma refeição, mas uma rejeição soteriológica do Reino escatológico.

O ensino parabólico de Jesus foi apresentado aos homens para ensinar os princípios do Reino de Deus, mas também para testar o coração dos ouvintes. Ele age como um exame espiritual, provocando uma resposta que indica se o coração da pessoa está aberto à mensagem de Jesus ou se endureceu. Neste último caso, a parábola causa confusão ou rejeição absoluta e faz com que o ouvinte se afaste de Jesus e da verdade.

Muitas das enunciações parabólicas de Jesus apresentam uma mensagem do juízo divino, com terríveis consequências para os que rejeitassem a mensagem do mestre parabolista. Para estes, o Reino não estaria aberto e a separação traria castigo e sofrimento. Com isto, Jesus estava deixando clara a ideia de que não se deve deixar de abraçar o Reino, porque o custo de não o fazer é muito alto.

Este anúncio de juízo teria o propósito, provavelmente, de imprimir nos ouvintes e naqueles que depois seriam postos em contato com essa ardente mensagem, o temor que leva ao arrependimento e a certeza de que sua reação diante destas palavras tem uma significação para toda a eternidade. Portanto, na realidade, o anúncio do trágico fim dos incrédulos é uma manifestação da misericórdia de Jesus, um sério convite implícito ao arrependimento, estendido a todos os que ouvem sua mensagem.

E mesmo para aqueles que já se tornaram de ouvintes em seguidores, a ênfase na segurança oriunda da obediência e da destruição que é gerada pela desobediência, apresentada nestas parábolas, lhes adverte a perseverarem na fé e obediência com que já se comprometeram, ao ingressar no Reino, pois ainda não esgotaram a possibilidade de renúncia desta fé, o que ocorrerá apenas após a consumação deste Reino.

Para os perseverantes, muitas e gloriosas promessas são apresentadas, a fim de incentivá-los nesta persistência, que alcançará o devido galardão, a ser recebido das mãos do Rei, com quem o próprio Mestre parabolista se identifica nestas narrativas.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Kenneth E. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**: estudos culturais

sobre os evangelhos. Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento**. Barcelona: Clie, 2006.

BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. Tradução Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 1998.

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Estudo Conselheira – Novo Testamento. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: SBB, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Nova Almeida Atualizada. 3.ed. Barueri: SBB, 2017.

BOCK, Darrell L. **Jesus Segundo as Escrituras**: introdução e comentário aos evangelhos. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd, 2006.

BOICE, James Montgomery. **Las parábolas de Jesús**. Grand Rapids, Michigan: Portavoz, 2017.

BRAKEMEIER, Gottfried. **As parábolas de Jesus**: imagens do reino de Deus. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. Tradução de Lena e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010b.

GABY, Wagner Tadeu; GABY, Eliel dos Santos. **As parábolas de Jesus**: as verdades e princípios divinos para uma vida abundante. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

GOURGUES, Michel. **As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus**: das origens à atualidade. Tradução de Odila aparecida de Queiroz. São Paulo: Loyola, 2004.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento:** Lucas vol. 2. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento:** Mateus vol. 1. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento:** Mateus vol. 2. 2.ed. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. Tradução de João Rezenda Costa. 5.ed. São Paulo: Paulus, 1986.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014.

MANSON, T. W. **O ensino de Jesus:** pesquisa sobre sua forma e conteúdo. Tradução de Jorge César Mota. São Paulo: ASTE, 1965.

MORRIS, Leon L. **O Evangelho de Lucas:** introdução e comentário. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983.

OSBORNE, Grant R. Marcos. **Comentário Expositivo**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2019.

PAGENKEMPER, Karl E. Rejection Imagery in The Synoptic Parables. **Bibliotheca Sacra**. Dallas, TX, v. 153. p. 179-198 (parte 1), p. 308-331 (parte 2). Abril-Jun/1996. Dallas Theological Seminary.

PENTECOST, J. Dwight. **The Parables of Jesus:** lessons in Life from the Master Teacher. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1982.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**. Comentário Esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de Mateus**. São José dos Campos:

Fiel, 1991.

SNODGRASS, Klyne. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus.**

Tradução de Marcelo S. Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

SPROUL, R. C. **What do Jesus' Parables Mean?** Crucial Questions 28.

Sanford, FL: Reformation Trust Publishing, 2017.

SPURGEON, Charles Haddon. **O Evangelho segundo Mateus: a narrativa**

do Rei. Tradução de William Teixeira Pedrosa e Camila Rebeca Vieira de Almeida. São Paulo: Hagnos, 2017.

WILKINS, Michael J. **Comentario Bíblico con Aplicación NVI: Mateo.**

Miami, Florida: Vida, 2013.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional